Circuitos curtos de comercialização: o caso do Mercado da Vida em Bonito-PE

Short commercialization circuit: the case of the Mercado da Vida in Bonito – PE

PEIXOTO, Marcela [1]. LINS, Maria Gabriela[2]. DUBEUX, Ana [3], LORETO, João Carlos de Melo[4],DUBEUX, Hugo [5]

[1] Coletivo Aimirim. marpeixotob@gmail.com; [2] Universidade Federal Rural de Pernambuco, mgabrielalins@gmail.com; [3] anadubeux66@gmail.com, [4] joaoloreto13@gmail.com e Coletivo Aimirim /UFPE hugodubeux@gmail.com [5]

Tema Gerador: Estratégias Econômicas em diálogo com a agroecologia

Resumo

O presente trabalho tem por finalidade analisar o processo de implantação do Mercado da Vida, primeiro mercado público municipal de Pernambuco para a comercialização de produtos agroecológicos. Localizado em Bonito, o Mercado aglutina produtores e produtoras em transição agroecológica com foco no fortalecimento de outra práxis econômica e social, cuja base filosófica se constrói a partir da cooperação, a autogestão, a solidariedade e o respeito à natureza. Além disso, o Mercado funciona como Centro de Referência de Educação Ambiental, com a realização de atividades junto à comunidade e às escolas do município. Buscaremos apresentar os avanços, limites e perspectivas desta experiência, evidenciando a construção de um circuito curto de comercialização como motor da consolidação da agroecologia e da economia solidária não apenas nos sítios dos agricultores envolvidos, mas também no fomento à novas formas de sociabilidade e consciência dos habitantes do município e seus gestores públicos.

Palavras-chave: economia solidária; agroecologia; educação ambiental; mercados solidários.

Abstract

This present work has the purpose of analyze the implantation process of the Life Market, the first municipal public market in Pernambuco which commercializes agroecological products. Located in Bonito, Life Market agglutinates producers in agroecological transition focused on strengthening another economic and social praxis, based on cooperation, self-management, solidarity and nature's respect. In addition, Life Market works as a reference center for environmental education, including activities carried out in community and schools. Advances, limits and perspectives of this experience will be presented evidencing the construction of a short commercialization circuit as a motor that consolidates agroecology and solidarity economy at not only farmer's sites involved but also promoting new forms of sociability and awareness for inhabitants of Bonito and its public managers.

Keywords: solidarity economy; Agroecology; environmental education; Solidarity markets.

Introdução

A presente pesquisa desenvolve-se no município de Bonito, Pernambuco. Localizado há 137 km de Recife, o município é um brejo de altitude onde há uma intensa prática de agricultura, pecuária e mais recentemente de atividades de ecoturismo. Neste Contexto nasce em 2014 o Projeto Vida Agroecológica, a partir do trabalho de assessoria

técnica e extensão rural do Instituto Agronômico de Pernambuco - IPA. No mesmo ano pesquisadores independentes de uma organização sem fins lucrativos, Coletivo Aimirim, uniram-se à iniciativa. Finalmente em 2015 um grupo de professores e alunos da UFRPE juntou-se ao projeto a partir de ações de pesquisa e extensão. O projeto Vida Agroecológica relaciona agroecologia e economia solidária a partir de diferentes atividades, que abrangem produção, comercialização, consumo e educação ambiental. Uma de suas principais atividades é o Mercado da Vida, um espaço multifuncional onde, semanalmente, ocorre uma feira de produtos agroecológicos, bem como outras atividades de educação ambiental. Este artigo aborda a construção de circuitos curtos de comercialização, a partir da experiência do Mercado da Vida, uma iniciativa cujo foco é promover a transição agroecológica de produtores e produtoras e o consumo consciente, fortalecendo processos de cooperação, autogestão, solidariedade, respeito à natureza, a partir da construção de mercados solidários. Para tanto, além da estratégia de comercialização da produção agroecológica, o Mercado funciona como Centro de Referência de Educação Ambiental, com a realização de atividades junto à comunidade e às escolas do município. Pretende-se evidenciar os avanços, limites e perspectivas desta experiência, evidenciando a construção de um circuito curto de comercialização como motor da consolidação da agroecologia e da economia solidária não apenas nos sítios dos agricultores envolvidos, mas também no fomento à novas formas de sociabilidade mais justas, sustentáveis e solidárias, a partir a estratégia dos circuitos curtos. Neste sentido entendemos que os circuitos curtos de comercialização, que consiste na aproximação entre consumidor final e produtor, juntamente com as estratégias de produção agroecológica e organização solidária, têm demonstrado funcionar e promover a sustentabilidade de grupos e comunidades, nas suas mais diversas dimensões. A agricultura familiar com produção agroecológica gera autonomia de agricultores e agricultoras e uma relação de maior proximidade e confiança com o consumidor. Também contribui para a preservação da biodiversidade e agrobiodiversidade, valorização da paisagem, além de melhorar a saúde de produtores e consumidores, consolidando a soberania e segurança alimentar e nutricional e o desenvolvimento local sustentável (DAROLTt et al., 2013). Entende-se, portanto, esses dois conceitos, além de permear diferentes âmbitos da sociedade com intuito comum de promover a autogestão social e da atividade econômica de grupos e comunidades, converge com melhorias para o meio ambiente, como a produção agrícola diversificada de alimentos orgânicos.

Metodologia

O grupo de pesquisa que acompanha o Mercado da Vida, dentro do projeto Vida Agroecológica é interdisciplinar e está composto por profissionais e estudantes, vinculados à instituições de ensino, ao poder público e à organizações sem fins lucrativos. O foco do projeto é apoiar o grupo de agricultores e agricultoras na consolidação da agroecologia e da economia solidária como estratégia para a consecução do Bem-Viver. O trabalho está em sua primeira etapa, sendo o presente artigo a apresentação de alguns Resultados do estudo exploratório inicial. Neste sentido, foram utilizadas as seguintes ferramentas metodológicas: questionários, acompanhamento de reuniões e assembleias, observação/participação em feiras e outros eventos. Como afirma BERTUCCI (2012) na economia solidária os processos educativos (formação e assessoria técnica) devem ser contextualizados e desenvolvidos de acordo com a realidade local e específica do território onde se inserem as comunidades. O planejamento deve ser realizado de maneira conjunta com as(as) participantes: empreendimentos, entidade e gestão pública. Concomitante a isso, a agroecologia incentiva os pesquisadores a penetrar no conhecimento e nas técnicas dos agricultores e a desenvolver agroecossistemas com uma dependência mínima de insumos agroquímicos e energéticos externos (ALTIERI, 2004). A Metodologia utilizada no presente trabalho e que permeia as demais ações envolvendo o grupo de pesquisa que trabalha no Mercado da Vida é a pesquisa ação. Isto porque o Mercado é uma iniciativa recente, que ainda requer um acompanhamento que possibilite uma maior condução do processo de organização inicial do grupo, que ainda está se compreendendo como tal. Deste modo podemos afirmar que, a pesquisa ação é um processo de investigação que se insere na realidade para ajudar a resolver questões coletivas através da intervenção e interação entre pesquisadores e participantes da pesquisa (THIOLENT, 2011). Pelo fato de se relacionar de perto com a realidade, a pesquisa ação promove mudanças significativas porque traz autoconhecimento através dos processos de autorreflexão coletiva, o que permite uma incidência efetiva dos pesquisadores junto aos agricultores e vice-versa. O grupo acompanhado possui 20 (vinte) famílias, cujos membros estão envolvidos no processo de produção/comercialização de diferentes formas. Na dinâmica de trabalho, o grupo de pesquisa acompanha as reuniões mensais com os 20 (vinte) agricultores(as), onde são discutidas as questões estruturais do projeto, a exemplo da produção, passando pelo aperfeiçoamento e ampliação das estratégias de comercialização, fidelização do público consumidor e outras temáticas relacionadas à educação ambiental. Para, além disso, realizam-se, periodicamente oficinas de formação, intercâmbios com outros agricultores e momentos de sistematização. Utilizam-se ferramentas da Metodologia de educa-

ção popular, a partir de um processo constante de reflexão coletiva e sistematização da informação, avaliação das ações anteriores e planejamento das ações futuras, ficando tudo plasmado em relatórios, os quais são analisados pelo grupo de pesquisa para fins deste estudo. As informações foram levantadas, a partir de dinâmicas participativas nos diferentes encontros realizados, sempre na primeira segunda-feira de cada mês, desde fevereiro de 2017, assim como reuniões realizadas nos meses de outubro, novembro e dezembro de 2016.

Resultados e discussão

A economia solidária é uma das formas de organização econômica de agricultores que visam o processo de transição agroecológica e ambas caminham de mãos dadas quando se trata de debater a construção de mercados alternativos e outras formas de sociabilidade econômica. Tanto a economia solidária como a agroecologia coincidem na necessidade de priorizar a soberania alimentar dos povos em detrimento do lucro do agronegócio e das corporações que controlam o sistema agroalimentar atual (FBES, 2012; ANA, 2014). Segundo PEIXOTO (2016, p.p.110 e 111), □a soberania alimentar ao priorizar o abastecimento das economias locais, opta por um projeto de sociedade que privilegia a descentralização do poder econômico e político. Isto tem pelo menos três consequências imediatas: uma social, já que desaliena o camponês de produções e demandas exteriores, devolvendo o controle sobre seu meio e espaço vital, gerando riqueza local e democratizando-a; uma ambiental, já que lhe restitui a capacidade de produzir espécies naturalmente adaptadas ao meio, diversificando de modo amplo seus cultivos e recuperando a agrobiodiversidade e a biodiversidade selvagem, além de reduzir a pegada ecológica do transporte dos alimentos aos locais de comercialização; e uma terceira, que é reflexo das duas anteriores, que é promover uma alimentação culturalmente apropriada e a possibilidade de uma maior diversificação produtiva/alimentar, com foco em garantir uma nutrição adequada às populações locais□. Os circuitos curtos possibilitam que a produção e o consumo se deem no mesmo território, fortalecendo as relações campo-cidade, além de possibilitar a criação de uma relação de confiança entre produtor e consumidor, reduzindo as distâncias físicas e afetivas entre as pessoas e destas com o território, beneficiando sua cidade ou região. Essa forma de comercialização traz vantagens econômicas, sociais e culturais, desenvolve condições para práticas de reciprocidade através de trocas e favores realizados entre vizinhos, impulsiona a criação de associações e cooperativas pela necessidade de formalização das relações e promove o desenvolvimento local com circulação de riqueza, serviços e produtos no território (LEADER, 2000). Trata-se, portanto, de uma

forma de proteger espaços específicos contra o regime imperial e, ao mesmo tempo, possibilitar a construção de trajetórias de desenvolvimento que ultrapassem as limitações inerentes a este regime (PLOEG, 2011, p. 124). A comercialização a partir dos circuitos curtos emerge dentro de uma estratégia mais ampla que tem início na propriedade camponesa, através do processo de transição agroecológica e que finaliza junto ao consumidor consciente. Trata-se de privilegiar a venda direta, retirando da mão do atravessador o domínio sobre as relações comerciais e a cadeia de valor dos produtos. Entretanto, consideramos que a reflexão sobre os circuitos curtos extrapola as questões relacionadas ao produto em si, refere-se diretamente ao acesso aos meios de produção e o acesso aos canais de distribuição, envolvendo aspectos relacionados à sustentabilidade ambiental das atividades produtiva e comercial, que vai além de estabelecer nichos específicos de mercado, para consolidar uma nova cultura econômica. O Mercado da Vida nasce no seio do Projeto Vida Agroecológica, que organiza agricultores e agricultoras do município de Bonito, apoiando um processo de transição agroecológica e economia solidária, com foco na consolidação de circuitos curtos de comercialização. O projeto tem início em 2014, a partir de ações específicas de ATER agroecológica realizadas pelo IPA, Coletivo Aimirim e UFRPE, em parceria com a Prefeitura Municipal de Bonito, que cedeu o espaço e a infraestrutura do Mercado. Neste sentido, DAROLT ET AL.(2013), verificou que as iniciativas bem sucedidas em circuitos curtos acontecem normalmente, quando há estreita parceria entre o poder público, entidades não governamentais, organizações de agricultores e consumidores. A partir do acompanhamento dessas instituições, fez-se uma seleção de agricultores da região que gostariam ou já trabalhavam de forma agroecológica para culminar em um mercado de comercialização de produtos orgânicos. Após a realização de diálogos junto ao poder público municipal, o grupo de articulação do Mercado conseguiu a cessão de um prédio público, onde funcionava o mercado de carnes, que foi reformado e teve sua estrutura adaptada para transformar-se num espaço multifuncional de feira agroecológica e atividades de formação e educação ambiental. Em 16 de dezembro de 2016 inaugurou-se o Mercado da Vida, cuja feira acontece semanalmente e que já foi palco de outras atividades de educação ambiental. O grupo parte da perspectiva de que o processo de comercialização por si só não é capaz de realizar a transformação cultural que se pretende, deste modo entende-se que o Mercado é lugar de uma socialização ampla, envolvendo necessariamente um componente educativo e formativo, tanto para seus membros como para os habitantes do município e do entorno, com o objetivo de criar e resgatar tipos de sociabilidade mais solidários e sustentáveis. O desafio é ainda maior se considerarmos que a porcentagem de consumidores conscientes nas cidades pequenas é bem inferior à dos grandes centros urbanos. Pensando nisso, o

grupo que apoia a organização do Mercado da Vida decidiu, junto com os agricultores, transformar o espaço do Mercado em um Centro de Referência em Educação Ambiental que possibilite a realização de atividades diversas. Apesar de caminhar com muitas conquistas a experiência do Mercado da Vida também enfrenta muitos desafios, no seguinte quadro podemos visualizar os principais:

Quadro 1

Principais Conquistas	Principais Desafios
Apoio da Prefeitura Municipal: cessão gratuita da infraestrutura do Mercado da Vida (reforma e adaptação do edifício, confecção de banca, confecção de estrutura para espetáculos, etc)	Ampliar os canais de comercialização dos agricultores e agricultoras do Mercado, tais como PNAE, PAA, outras feiras em cidade próximas
Grupo de Pesquisa e Assessoramento Técnico diverso e comprometido com a transição agroecológica e a economia solidária	Formação do grupo de agricultores e agricultores na perspectiva da autogestão
Criação da OCS Vida Agroecológica	Participação da mulher rural nas instâncias de coordenação do espaço
Grupo de agricultores e agricultoras coeso e otimista	Conscientização e ampliação do público consumidor local
Fidelização de consumidores conscientes e atrativo turístico	Competição com os preços da feira livre

Conclusão

Como vimos, os circuitos curtos de comercialização se apresentam como uma alternativa válida para a construção de estratégias econômicas mais solidárias e respeitosas com o meio ambiente. Entretanto, vários são os desafios encontrados para que esses canais sejam realidade, principalmente em municípios pequenos, como é o caso de Bonito, lugar onde está localizado o Mercado da Vida. Não basta somente criar um novo espaço de comercialização, é fundamental ampliar as formas de comercialização para os produtos agroecológicos, bem como construir um processo pedagógico e de sensibilização da população para que se consolide uma nova cultura de consumo, alimentar e das relações humanas e com a natureza. Neste sentido é fundamental, no caso estudado o apoio dos diferentes sujeitos e instituições, assim como a vontade do grupo de agricultores em persistir no enfrentamento aos desafios encontrados.

Referências bibliográficas

ALTIERI, M. Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável, 4ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004; Articulação Nacional de Agroecologia - ANA, Carta Política III ENA (Encontro Nacional de Agroecologia) em Juazeiro da Bahia, Rio

de Janeiro, 2014; BERTUCCI, A., CASTILLA, I. T. Assessoria técnica em economia solidária: reflexões e experiências, Brasília: Editora Ideograf, 2012; DAROLT, Moacir R., LAMINE, Claire, BRANDEMBURG, Alfio, A diversidade dos circuitos curtos de alimentos ecológicos: ensinamentos do caso brasileiro e francês, Construção Social dos Mercados, v. 10, n. 2, p. 8, 2013; Fórum Brasileiro de Economia Solidária - FBES, Documento Final V Plenária Nacional de Economia Solidária, Brasília, 2012; LEADER - Ligação entre ações de desenvolvimento da economia rural, Circuitos curtos ou circuitos longos? Inovação em meio rural - Caderno n°7 - Julho de 2000; PEIXOTO, Marcela, La construcción de mercados solidarios de base campesina y la garantía del Derecho Humano a la Alimentación, La Comunidad de Marrecos, en Pernambuco- Brasil, 2016, Tese, (Programa de Doctorado Pasado y Presente de los Derechos Humanos), Universidad de Salamanca, Salamanca, España; PLOEG, Jan Douwer Van Der, “Trajetórias do Desenvolvimento Rural: pesquisa comparativa internacional”, Sociologias. Ano 13, no 27, Porto Alegre, mai/ago, 2011, p, 114-140;THIOLENT, Michel, Metodologia da pesquisa ação, 18 Ed. Editora Cortez, 2011.